



A Jornada dos Vassallos (1625) e os interesses da Igreja Católica

Maria Aparecida Stelzer Lozório¹

¹Graduanda em História, pela Universidade Federal do Espírito Santo; Especialista em Gestão Pública (IFES); Bacharel em Biblioteconomia (UFES). e-mail: stelzovsky@gmail.com.

RESUMO: O presente artigo irá analisar a participação da Igreja Católica na Jornada dos Vassallos, batalha ocorrida na Bahia, em 1625, quando da invasão do território brasileiro por neerlandeses. A nobreza ibérica atende o chamado de D. Felipe IV para reconquistar o território brasileiro, e organizam uma cruzada luso-espanhola para combater a invasão na colônia. Neste evento pouco explorado pela historiografia, a Igreja Católica participa ativamente. Assim através desta pesquisa nos propomos a analisar qual seria o interesse da Igreja Católica nesta batalha: defender a fé romana na colônia, ou zelar pelo seu poder econômico já bem estruturado no Brasil? Como fonte documental analisaremos a *Jornada dos Vassallos*, escrita pelo Padre Jesuíta Bartolomeu, em 1625, e pelos escritos de D. Jerônimo de Ataíde, os *Cap. da Relação*, de 1625, ambos trazendo relatos sobre a guerra.

Palavras-chaves: Jornada dos Vassallos; Igreja Católica; União Ibérica.

ABSTRACT: This article will analyze the participation of the Catholic Church in the Journey of the Vassals, a battle that took place in Bahia, in 1625, when the Dutch invaded Brazilian territory. The Iberian nobility answered the call of D. Felipe IV to regain Brazilian territory, and they organized a Portuguese-Spanish crusade to combat the invasion in the colony. In this event little explored by historiography, the Catholic Church actively participates. So through this research we propose to analyze what would be the interest of the Catholic Church in this battle: to defend the Roman faith in the colony, or to look after its economic power already well structured in Brazil? As a documentary source, we will analyze the *Jornada dos Vassallos*, written by Father Jesuit Bartolomeu, in 1625, and by the writings of D. Jerônimo de Ataíde, the *Cap. Da Relação*, from 1625, both bringing reports about the war.

Keywords: Journey of the Vassals; Catholic church; Iberian Union.

Portugal estabeleceu com a Igreja Católica Romana uma espécie de aliança, o Padroado Régio, que segundo Dias (2010) consiste em transferências de direitos e deveres, feitos pela Igreja Católica à Coroa Portuguesa, através de Bulas Papais (1456, 1551 e 1514) emitidas pelos Papas Calisto III e Julio III. O Padroado Régio estabelecia que a religião católica seria a única em todos os territórios pertencentes a Coroa Portuguesa, e permanece desta forma, no Brasil, até a Proclamação da República em 1889. Assim cabia aos monarcas portugueses a conversão espiritual dos povos de suas colônias ultramarinas.

Além disso, eles decidiam sobre a criação de dioceses e ereção de templos; indicavam os candidatos aos bispados; cobravam o dízimo, que era um dos principais tributos na época; aprovavam os párocos e sacerdotes para as paróquias e freguesias. Deveriam, ainda, cuidar do bom funcionamento da administração religiosa, remunerando os vigários através da cômgrua régia; consentindo (ou vetando) os pedidos para edificação, reforma e ampliação de igrejas e capelas; aprovando os regimentos das irmandades e fiscalizando as festas. Praticamente tudo o que dizia respeito à religião dependia do crivo régio, exercido, por sua vez, pela Mesa de Consciência e Ordens – departamento da administração portuguesa que zelava pelos assuntos de consciência e fé (DIAS, 2010, p. 159).

A Reforma Protestante modifica de forma permanente a sociedade europeia no século XVI, que era até então centrada na figura do Imperador e do Papa. Iniciada principalmente pelos questionamentos levantados por Calvino e Lutero, a Reforma afeta enormemente a Igreja Católica Romana, que

convoca o Concílio de Trento – 1545 a 1563 – com uma tarefa de reorganizar suas estruturas. Neste contexto surge o que é chamado da Contrarreforma, ou seja, os procedimentos que a Igreja Católica passaria a realizar numa tentativa de conter a expansão protestante e de se impor novamente como fé reinante no Velho Mundo.

A criação da Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola e reconhecida por uma bula papal em 1540, foi durante o Concílio de Trento, indicada para o enfrentamento à Reforma Protestante. A Companhia seria responsável por levar a evangelização para o Novo Mundo, conquistar novos fiéis e demarcar um novo espaço de fé católica romana. Com o Padroado Régio, a Igreja chega a todos os territórios do Império Ultramarino Português, principalmente na presença dos padres da Companhia de Jesus.

O Brasil como colônia de Portugal teve sua evangelização iniciada com a vinda dos Jesuítas em 1549, que aqui chegaram junto com o Governador Geral Tomé de Souza. Até a expulsão da Companhia de Jesus de terras portuguesas em 1759, na Era Pombalina, os jesuítas tiveram livre trânsito em terras brasileiras, tendo inclusive dominado a educação d'além mar. Mais do que a criação de colégios a Companhia de Jesus tinha fazendas por todo o território brasileiro, fazendo uso da mão de obra indígena. O Continente Americano se torna a grande chance de retorno à hegemonia romana, principalmente a parte sul, onde Espanha e Portugal dominavam completamente as colônias.

Entre 1580 e 1640 há a união das coroas ibéricas de Portugal e Espanha. Felipe II da Espanha assumiu o trono e governa os dois países. Felipe II

mantém a tradição católica e como fiel fervoroso da Igreja romana, intensifica as perseguições aos simpatizantes à Reforma Protestante. Os Países Baixos, parte do Sacro Império Germânico, e posteriormente dominado pela casa de Habsburgo, sofriam influência católica, mas segundo Merlo e Oliveira (2015) Guilherme de Orange lidera uma revolta contra a Coroa Espanhola, que ocasionou o desmembramento dos Países Baixos. Assim surgem Bélgica, Luxemburgo e Holanda. Está se torna uma nação protestante, enquanto as outras duas se mantêm católicas. Ainda segundo Merlo e Oliveira (2015) na década de 1570 a Holanda organiza uma igreja com alicerces protestante, a Igreja Reformada Holandesa. Com o protestantismo avançando cada vez mais sobre nações antes católicas, Roma segue firme no seu propósito de manter sua liderança religiosa nas novas terras, principalmente nas colônias ibéricas.

Os holandeses têm como incentivo para a invasão de terras brasileiras, juntamente com a rivalidade político-religiosa com a Coroa Ibérica, os interesses econômicos que a colônia brasileira despertava nas nações europeias. Assim quando os holandeses iniciam as invasões do território brasileiro no século XVII, com a Companhia das Índias Ocidentais de olho na produção de açúcar brasileiro, que segundo Prado Jr. (1994) foi até meados do século XVIII a força da economia colonial, a Igreja Católica sente a ameaça da Reforma Protestante chegar as terras brasileiras.

Abreu (1998) afirma que os holandeses já articulavam uma invasão ao Brasil desde 1623, apesar do acordo de trégua assinado pela Espanha e os Países-Baixos em 1609. O autor afirma que a armada neerlandesa se reuniu em

Cabo Verde e de lá rumou para Salvador, sendo avistada em terra por volta do dia 8 de maio de 1624. No dia seguinte inicia-se o ataque sob o comando do Almirante Jacob Willekens, e a noite a situação já era de fuga para a população. Ao amanhecer encontrava-se na cidade apenas o governador, alguns fiéis, escravos e a população mais pobre. “Os fugitivos acomodaram-se como puderam em engenhos próximos, aldeias de índios, debaixo de árvores, ao céu aberto. Quantas privações passaram e como foi difícil sustentar e conter está multidão [...]” (ABREU, 1998, p. 86).

Como capital da colônia, Salvador foi o local do primeiro bispado brasileiro, e quando da invasão holandesa, Salvador contava com religiosos das principais Ordens – beneditinos, franciscanos, carmelitas, além da Companhia de Jesus. Segundo Magalhães (2010) as Constituições do Arcebispado de Lisboa publicadas pela primeira vez em 1537, serviam de diretrizes para o Bispado do Brasil no século XVII, e haviam nessas diretrizes penalidades severas contra sacerdotes que fizessem uso de armas pois “[...] as armas dos clérigos devem ser as lágrimas e orações” (MAGALHÃES, 2010, p. 37).

Os Capítulos da Relação, códice localizado na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, atribuídos a Dom Jerônimo de Ataíde, trazem novos relatos para a Jornada dos Vassalos. D. Ataíde era filho do Conde de Castanheira, que recebeu a Ilha de Itaparica, na Bahia, como sesmaria. D. Ataíde é, segundo Magalhães (2010), o único autor português que trata a Jornada dos Vassalos como um episódio da posteriormente chamada Guerra dos Oitenta Anos². Segundo D.

² Guerra que resultou na independência dos Países Baixos.

Ataíde os holandeses pretendiam inicialmente ocupar a Ilha de Itaparica para assim cercar Salvador.

D. Ataíde também relata que os clérigos deveriam apenas fazer uso de suas orações, pois não lhes era permitido pegar em armas, “estavan los animos de todo el Reino tan despuestos al socorro, y lastimados del caso, que fue arbitrio para los religiosos, y prelados poder serbir con oraciones, ya que la perfección de sus estados, les impedia que lo hiziessen con las armas” (ATAÍDE, 1625, f. 164). Mas um dispositivo legal nas Constituições do Arcebispado de Lisboa permitia o uso de armas pelos religiosos desde que “[...] para segurança de sua pessoa e se tiverem necessidade e legítima causa”. (MAGALHÃES, 2010, p. 37). O autor afirma ainda que a violência iconoclasta que resultou da invasão holandesa em Salvador, profanou várias Igrejas e até mesmo o Mosteiro de São Bento. Essa violência acabou por gerar um ódio e terror religioso, sendo este um fato que legitimou uma guerra justa.

Uma sucessão de acontecimentos levou o Bispo Dom Marcos Teixeira a assumir o governo da cidade e conseqüentemente a chefiar a guerra contra os hereges. Assim em 1624 “[...]a guerra contra hereges pela autoridade da Igreja Católica foi considerada uma guerra justa, levando o clero e os religiosos a empunhar armas. ” (MAGALHÃES, 2010, p. 38). A guerra contra os neerlandeses foi legitimada e justificada pelo combate católico aos protestantes, aos hereges, aos avanços da Reforma.

Antes da chegada do socorro enviado pela Espanha e Portugal, a defensiva da cidade baiana foi realizada no que ficou conhecida como guerra brasílica,

pois foi utilizada a mão de obra indígena para combater a ofensiva holandesa. Os indígenas pertenciam aos aldeamentos inacianos localizados no Recôncavo Baiano. Os prédios e aldeamentos católicos que não foram tomados pelos invasores, segundo Magalhães (2010) serviram de base para a resistência, acomodação da população e muitas vezes de hospital para tratar os feridos. Os religiosos e os militares fizeram uso das estratégias de guerra dos Tupinambás, e os aldeamentos jesuítas foram os limites que seguraram os holandeses. Desde a tomada da cidade de Salvador em maio de 1624 até a chegada dos vassallos de Sua Majestade El Rey, em março de 1625, o conflito foi intenso e a defesa foi aos poucos se organizando, o que possibilitou a não expansão dos holandeses pela Bahia de Todos os Santos.

A Jornada dos Vassallos, como ficou conhecido o conflito armado entre holandeses e força luso-espanhola, ocorrido em 1625 na Bahia, foi a resposta da Coroa Ibérica à invasão holandesa. Felipe IV convoca seus “vassallos” para defender o Império d’além mar, e é prontamente atendido. Iniciam-se os preparativos para a jornada ainda em 1624.

O relato de testemunha do conflito, feito pelo padre Bartolomeu, guerreiro da Companhia de Jesus, publicado em 1625, ano do conflito, já traz em sua primeira página a fala que os holandeses eram hereges e rebeldes à Deus na fé, e que não reconheciam sua Majestade [El Rey] como seu senhor esquecidos de suas obrigações divinas e humanas. Assim se tornavam os maiores inimigos da Igreja Católica e da paz política das Coroas de Espanha. Segundo Magalhães

Bastou D. Felipe IV anunciar que se lhe fosse possível iria pessoalmente retomar a capitania perdida para que a nobreza dos seus reinos fosse convencida a montar imediatamente um plano de reconquista. Salvador passou de longínquo território ultramarino à Terra Santa que estava nas mãos dos inimigos da Fé Cristã e deveria ser retomada por cavaleiros que lutassem ‘em nome de Cristo e sua Igreja’ e pelo império de El-rey. Cavaleiros cruzados, com os antigos conteúdos sob novas formas. O discurso religioso foi onipresente durante toda a organização da Jornada dos Vassalos, ou a *Expeditio Brasilica* conforme a denominou o jesuíta Padre Francisco de Santo Agostinho Macedo. (MAGALHÃES, 2010, p. 72-73)

“De sorte que o primeiro pensamento real de Sua Magestade foy de ir em pessoa na jornada, & partirem as armadas a 20 de Agosto de 624” (BARTOLOMEU, 1625, p. 10v), vencendo o ímpeto de partir para o Brasil, El Rey decide juntar forças com Portugal para enviar uma armada ao Brasil para expulsar os holandeses. “O numero dos navios da armada de Portugal, eram vinte e seis, [...] a gente que hia na armada, ao todo, fazia numero de quarenta mil homens de mar & guerra” (BARTOLOMEU, 1625, p. 25 – 25v), além de vinho, água, azeite, arroz, peixe seco, queijos, figos, legumes, amêndoas, ameixas, doces. Nos navios iam vinte e dois boticários e dois médicos, além de camas para os enfermos. A armada portuguesa parte para Cabo Verde, onde espera pela armada de Castela. Ainda segundo o Padre Bartolomeu os holandeses no Brasil, sabiam que a ofensiva Espanhola não chegaria antes de um ano, e aproveitam este tempo para repor munição.

Com a chegada da armada de Castela, a ofensiva Ibérica parte de Cabo Verde a 14 de janeiro de 1625, e segundo relatos do Padre Bartolomeu (1625) não há contratempos durante a viagem. Avistam a as terras brasileiras em 5 de março e chegam à Bahia em 29 do mesmo mês. “Aportarão as armadas à Cidade da Bahya a 29. Março de 1625. Vespóra da Ressurreição de Christo” (1625, p. 41v), esse relato do Padre Bartolomeu é confirmado por Capistrano de Abreu (1998), que afirma que as forças luso-espanholas chegaram no sábado de aleluia a Salvador. Sendo dia santo a ofensiva luso-espanhola esperou até depois da Páscoa para iniciar a defensiva.

O Padre Bartolomeu (1625) relata que ao desembarcar os guerreiros vassalos foram dirigidos aos “quarteis”, chegando a falar em quartel e trincheiras do Carmo, quartel de São Bento, ou seja, os Conventos, Mosteiros e outros prédios das Ordens Religiosas serviram de quarteis para a defesa da cidade também após a chegada dos reforços vindo da Europa. Segundo Magalhães (2010) a reconquista de Salvador seria uma continuação dos serviços prestados a Coroa Ibérica e também a Igreja Católica, já que grande parte dos religiosos e soldados haviam participado das guerras religiosas nas Províncias Unidas.

Os conflitos pela retomada da cidade continuam intenso nos meses de março e abril de 1625, e após grandes baixas dos dois lados e acertado a rendição holandesa, a reconquista de Salvador teve início, e a comemoração da retomada da cidade também:

No dia primeiro de maio, uma quinta-feira, abriu-se as portas de Salvador

desfraldando-se os estandartes de Nossa Senhora da Conceição e de Santa Teresa na torre da Catedral, segundo as ordens expressas do próprio rei. Os religiosos desembarcaram um batel cheio de imagens sacras, trazidas para suprir o lugar das que teriam sido derretidas ou mutiladas pelos neerlandeses. (MAGALHÃES, 2010, p. 84).

Ainda segundo Magalhães a perseguição aos calvinistas foi implacável, não poupando nem os mortos enterrados

Em seguida, celebraram a cerimônia de açoitar os púlpitos profanados pelos predicantes calvinistas. [...] Também desenterraram os calvinistas que foram sepultados no interior da Sé Catedral, levando-os para terreno não consagrado fora dos muros. [...] Após a exumação dos corpos sepultados na Sé, “percorreu toda a cidade solene procissão de príncipes, cruzados, cavaleiros, jesuítas e frades. (MAGALHÃES, 2010, p. 84).

Depois dos rituais de limpeza, purificação e reparação dos lugares profanados pelos calvinistas, em 5 de maio foi realizada a primeira missa católica para dar graças e louvores pela vitória sobre os hereges, marcando assim a retomada católica da cidade.

Diante do exposto concluímos que a Igreja Católica teve intensa participação na resistência aos ataques neerlandês, na guerra brasílica, tanto quanto na Jornada dos Vassalos e na ofensiva após a chegada da armada luso-espanhola. Pelos relatos da época infere-se que sem a participação dos religiosos Salvador não teria sido reconquistada em apenas um ano, podendo mesmo ter

ficado em poder dos holandeses por décadas como ocorreu com Pernambuco. Concluímos também que o interesse da Igreja nessa luta é realmente pela hegemonia católica, pela subjugação dos hereges. E pela manutenção do poder que essa hegemonia proporcionava junto as Coroa Espanhola e Portuguesa, que no contexto dos séculos XVI e XVII, ocupavam lugar de destaque no cenário mundial.

REFERÊNCIAS

- ATAÍDE, D. Jerônimo de. *Os Cap. da Relação*. 1625. Códice 51-XI-12. Biblioteca da Ajuda. Lisboa. f. 7v-9, 151-185, 186-186v.
- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História colonial: 1500-1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. (Biblioteca Básica Brasileira)
- BARTOLOMEU, Pe. *Jornada dos Vassallos da coroa de Portugal*. Lisboa: Mattheus Pinheiro, 1625. Disponível em: http://purl.pt/17352/4/res-1304-p_PDF/res-1304-p_PDF_24-C-R0150/res-1304-p_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.
- DIAS, Renato da Silva. Entre a cruz e a espada: religião, política e controle social nas Minas do Ouro (1693-1745). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 26, n. 43, p. 155-175, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v26n43/v26n43a09.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. *EQUUS RESUS: A Igreja Católica e as guerras neerlandesas na Bahia (1624 – 1654)*. 2010. 883f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MERLO, Patrícia M. S.; OLIVEIRA, Josemar Machado. *Recortes e perspectivas sobre a história moderna*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino à Distância, 2015.

PRADO JUNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.